

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Gazeta Mercantil

CLASS. : Madeira 73

DATA : 26 / 03 / 92

PG. : 21

AMAZÔNIA

Preço da madeira inviabiliza reflorestamento

por Vicente Vilardaga
 de São Paulo

No mercado internacional, o preço do metro cúbico de mogno — uma das madeiras mais nobres da Amazônia — girou em torno de US\$ 350,00. Uma árvore extraída da floresta com capacidade para fornecer de 5 a 6 metros cúbicos de madeira dificilmente atinge um preço superior a US\$ 30,00. Distorções como essa, na avaliação do pesquisador Jean Dubois, presidente da Rede Brasileira Agroflorestal, tornam hoje o manejo sustentável da Amazônia antieconômico para os pequenos proprietários e mesmo para as madeireiras.

"Infelizmente, uma árvore retirada da mata não tem valor", afirmou Dubois.

"E, portanto, conhecendo o tempo que ela leva para crescer e atingir a

idade de corte, o habitante da Amazônia não se interessa em replantá-la." Para reverter esse quadro, ele vê duas saídas: o trabalho educacional, principalmente junto aos caboclos e pequenos produtores da Amazônia, e a valorização dos recursos naturais.

Enquanto isso não acontece, a região é vítima de um verdadeiro "canibalismo madeireiro". Em mais de vinte anos de trabalho na Amazônia, Dubois viu o interesse dos madeireiros se ampliar de cerca de seis espécies para mais de cem, em função do surgimento de um mercado interno de móveis e, em contrapartida, houve uma verdadeira estagnação tecnológica. "O rendimento de uma tora de mogno em relação à árvore, nas madeireiras da Amazônia, mal passa dos 40%", afirma Dubois. "Com técnicas adequadas,

esse rendimento chegaria a 70%."

COLONIZAÇÃO

Até meados da década de 80, as madeireiras interessavam-se basicamente por madeiras como o mogno, o cedro, o frejó e a andiroba, todas com bom preço no mercado internacional. A colonização do Norte do País resultou na procura por outras madeiras mais baratas. Hoje, segundo Dubois, se corta até o cajui, uma árvore frutífera da região. E, por conta da demanda, o tempo de crescimento das árvores é desconsiderado. "As madeireiras compensam seu baixo rendimento aumentando o volume de corte", explica.

O caso do mogno é exemplar. O diâmetro ideal para seu corte é 80 centímetros. A regra geral na Amazônia e principalmente no sul do Pará, onde existem hoje

cerca de mil madeireiras, é cortá-lo com 45 centímetros. "Poucos madeireiros gostam realmente de sua atividade", afirma Dubois. "A maioria considera a atividade extrativista só uma etapa antes de partir para novos negócios."

As experiências de manejo por regeneração natural e com enriquecimento ainda são raras na Amazônia e se limitam a propriedades destinadas à pesquisa, como a Floresta Nacional de Tapajós, com 600 mil hectares. No entanto, Dubois garante que o manejo sustentável é possível e pode ser vantajoso em escala empresarial. Como exemplo, ele cita as experiências com o carvalho na Europa. A partir do dia 24 de maio, Dubois participa, na condição de coordenador técnico, do Simpósio Forest'92, no Rio de Janeiro, que discutirá a situação das florestas tropicais do planeta.